

O Soldado Aflito, O Hospital Fluminense, O Grito dos Oprimidos, O Brasil Aflito, O Saturnino, O Mestre José, O Pai José, O Carpinteiro José, O Evaristo, A Lima Surda, O Pedro 2º, Teatrinho do Senhor Severo, O Homem de Cor, O Mulato, O Brasileiro Pardo, O Cabrito, O Crioulinho, O Meia-Cara, O Tamoio Constitucional, O Indígena do Brasil, O Trinta de Julho, O Restaurador, A Lusitânia Triunfante, A Marmota, O Burro Magro, A Loja do Belchior, A Mineira no Rio de Janeiro, A Liberdade Legal, O Macaco, O Crioulo, O Carioca, O Par de Tetas, A Formiga.

Em 1832, Cipriano Barata, ainda na Corte, voltaria com a *Sentinela da Liberdade na Guarita do Quartel General de Pirajá, Hoje Presa na Guarita da Fragata Niterói, em o Rio de Janeiro*; em 1834 estaria de volta ao Recife, e ali apareceria com a *Sentinela da Liberdade em sua Primeira Guarita, a de Pernambuco, onde Hoje Brada Alerta!* No Salvador, em 1832, nova tentativa, agora provincial, de periódico sério, o *Jornal da Sociedade de Agricultura, Comércio e Indústria da Província da Bahia*, que duraria até 1836, dirigido, até 1835, por Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá e, com a morte deste, por Miguel Calmon du Pin e Almeida. Em 1833, surgiria *O Auxiliador da Indústria Nacional*, na Corte, revista econômica, órgão da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, redigido por Januário da Cunha Barbosa e outros. Se revistas desse tipo apareciam pouco e tinham, normalmente, vida curta, os pequenos jornais, também efêmeros, multiplicavam-se: “Durante a Regência, os jornais pululavam, multiplicando-se, no Rio e nas províncias. Aos que já existem antes do 7 de abril, vieram juntar-se novos, quase todos agressivos, injuriosos, menos preocupados com os problemas gerais do que com as pessoas, espalhando a confusão e sem o menor respeito pela vida privada de ninguém”⁽⁸²⁾. “Novos jornais, novos pasquins, surgiam todos os dias. Uns duravam semanas, meses; outros vingavam. Os que morriam, ressurgiam às vezes com nome mudado, mas sempre animados do mesmo espírito de intriga, da mesma vocação para a calúnia. Em princípio de 1832, havia cerca de cinquenta jornais no Brasil, muitos com as denominações as mais estranhas. Ao lado da *Malagueta*, da *Mutuca*, do *Jurujuba*, aparecia *O Filho da Terra*, o *Republicano da Sempre-viva*, o *Caramuru* e o *Carijó*, os dois últimos francamente restauradores e obedecendo à inspiração de Martim Francisco e Antônio Carlos”⁽⁸³⁾.

A imprensa definia-se quanto à orientação, nos três campos, o dos conservadores de direita, embalados no sonho da restauração, o dos libe-

(82) Otávio Tarquínio de Sousa: *Evaristo da Veiga*, 2ª ed., Rio, 1957, pág. 114.

(83) Idem, pág. 123.